



Coordenadoria
do Curso de Letras



Universidade Federal
de São João del-Rei

CAIO MARCELO NEPOMUCENO SENRA

CAIO FERNANDO ABREU: MEMÓRIA E CORRESPONDÊNCIA

Junho 2023

Caio Marcelo Nepomuceno Senra

Caio Fernando Abreu: memória e correspondência

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenadoria do Curso de Letras da
Universidade Federal de São João del Rei,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras.

Ênfase: Estudos Literários

Orientadora: Profa. Dra. Maria Ângela de
Araújo Resende.

São João del Rei, junho de 2023

“From tiny experiences, we build cathedrals”
“A partir de pequenas experiências, nós construímos catedrais”
- **Orhan Pamuk**

Agradecimentos

Quero dedicar um espaço neste trabalho para agradecer todas as pessoas que fizeram parte dele, ou principalmente, que me ajudaram imensamente nessa caminhada. Primeiro, não poderia ser outra pessoa, senão aquela que serviu de inspiração para que todo esse projeto tomasse forma: Maria Ângela de Araújo Resende, foi um dos pilares fundamentais para que eu pudesse começar a pensar sobre autobiografia e autoficção. Além de ter conhecido ambas as teorias em suas aulas, também fui recebido de braços abertos quando quis pesquisar sobre o tema. Também gostaria de agradecer à Thamara Silveira, por ter sido uma pessoa ímpar em toda essa pesquisa, sua genialidade, carisma e aptidão para assuntos acadêmicos, me fizeram ter coragem para mergulhar de cabeça no mundo subjetivo e complexo das teorias “auto-bio-ficcionais”. Não poderia deixar de agradecer também a professora Eliana da Conceição Tolentino, por ter me ajudado a entender melhor o funcionamento social do mundo das epistolografias e também por todo apoio e torcida para que o trabalho desse certo! Aos meus familiares, gostaria de agradecer à minha mãe, Lucília Nepomuceno, e ao meu pai, Célio Senra, por terem suportado todos os surtos e choros, por não terem duvidado da minha capacidade investigativa, e por terem acreditado em mim quando nem eu mesmo acreditava. Gostaria de agradecer também à minha tia Célia Senra, por ter se preocupado tanto com a minha saúde mental e física nesse processo denso e difícil. À minha avó, Aparecida Senra, por ter sonhado junto comigo esse sonho, e sempre ter me feito entender que o estudo é uma das preciosidades da existência humana. Por fim, gostaria de agradecer ao meu marido, Eric Mourão Terzi, por ter me dado o gás final que eu precisava para compilar três anos de pesquisa, e um mês de escrita.

RESUMO

O presente trabalho pretende elucidar de forma concisa e coesa os aspectos autobiográficos e autoficcionais presentes na correspondência ativa do autor Caio Fernando Abreu. Objetivamos traçar uma perspectiva crítico-analítica utilizando das teorias sobre autobiografia e autoficção, mas com um entendimento de que ambas formam um “pacto ambíguo”, e não possuem uma relação dicotômica de distinção, por mais que cada uma agrupe um conjunto de conceitos singulares. Inicialmente vamos discutir juntamente com a pesquisadora Kohrausch os conceitos sobre o gênero epistolar, mas nos atentando a estrutura das correspondência, e os objetivos que uma carta possui dentro de uma estrutura literário-social. Assim, relacionamos diretamente as epistolografias às obras de: Philippe Lejeune, Leonor Arfuch, Anna Faedrich, Manuel Alberca, Kohlrausch e Michel Foucault. Conseqüentemente, criamos um espaço para abarcar as teorias e cruzá-las em um ponto de interseção com as cartas escritas por Caio Fernando Abreu, e todo o conteúdo subjetivo e passível de análise. Para que fosse possível criar um corpus baseado nas correspondências escritas pelo autor, mas também ancoradas por pesquisadores que estudam sobre as escritas de si, e os aspectos subjetivos que circundam os estudos sobre auto-bio-ficção, decidimos levar o texto para a teoria, e não a teoria para o texto. Com isso, conseguimos demarcar espaços que condizem com as facetas sobre Caio Fernando Abreu que norteia esse trabalho como: sua carreira como escritor, as relações interpessoais que circundam seus textos, as nuances de subjetividade encontradas na correspondência, e a linha cronológica realizada para acompanhar todo o trajeto de sua vida, com início, ascensão e morte.

Palavras-chave: Autobiografia, Autoficção, Gênero epistolar.

ABSTRACT

The present work intends to concisely and cohesively elucidate the autobiographical and autofictional aspects presented in the active correspondence of the author Caio Fernando Abreu. We aim to draw a critical-analytical perspective using theories about autobiography and autofiction, but with an understanding that both form an “ambiguous pact”, and do not have a dichotomous relationship of distinction, although each one brings together a set of unique concepts. To begin, we will discuss together with researcher Kohrausch the concepts of the epistolary genre, but paying attention to the structure of correspondence, and the objectives that a letter has within a literary-social structure. Thus, we directly relate the epistolographies to the works of: Philippe Lejeune, Leonor Arfuch, Anna Faedrich, Manuel Alberca, Kohlrausch and Michel Foucault. Consequently, we created a space to encompass the theories and cross them at an intersection point with the letters written by Caio Fernando Abreu, and all the subjective and analyzable content. In order to make it possible to create a corpus based on the correspondences written by the author, but also anchored by researchers who studied about the writings of the self, and the subjective aspects that surround the studies on auto-bio-fiction, we decided to take the text to the theory, and not the theory for the text. With that, we were able to demarcate spaces that match the facets about Caio Fernando Abreu that guides this work, such as: his career as a writer, the interpersonal relationships that surround his texts, the nuances of subjectivity found in the correspondence, and the chronological line made for follow the entire path of his life, with beginning, ascension and death

Key-words: Autobiography, self-fiction, epistolary genre.

SUMÁRIO

1	Introdução.....	8
1.1	O gênero epistolar.....	9
2	O corpo e os dias.....	12
3	O escritor e a escrita.....	18
4	Vida, Morte e Recomeço.....	22
5	Considerações Finais.....	28
6	Referências.....	30

1 Introdução

O presente trabalho objetiva analisar parte da correspondência do escritor Caio Fernando Abreu, presente no compilado de arquivos feito pelo autor Ítalo Moriconi em formato de livro, lançado pela editora Aeroplano, em 2016. Iniciaremos traçando um paralelo com as teorias sobre o gênero epistolar, e em seguida, analisaremos o corpus selecionado utilizando o aporte teórico citado a seguir.

Ao falarmos sobre correspondência, autobiografia e autoficção, podemos nos deparar com alguns pontos de interseção entre elas, mas, também, teremos desencontros dentro de uma mesma teoria. Por exemplo, ao pesquisar sobre autobiografia é imprescindível citar o nome de Philippe Lejeune, mas a sua própria tese possui furos que já foram preenchidos por outros autores. E, assim, os estudos sobre as “escritas de si” desdobram-se nos caminhos da autoficção, que preocupa-se com a obra criada pelo autor, respondendo perguntas geradas pelo leitor. A autoficção preocupa-se em percorrer o trajeto literário feito pelo autor, a fim de entender o propósito e o objetivo do que se escreve. Responder o quê, quem e por quê se escreve.

Quando comparamos autobiografia e autoficção, logo já criamos uma ideia dicotômica entre as teorias e colocamos-as em caixinhas: a autobiografia está para a verdade, do mesmo modo que a autoficção está para a mentira. E, honestamente, essa divisão é considerada bastante obsoleta, uma vez que “todas as verdades são meias verdades”. Dividir as teorias dessa forma, apenas anula o pensamento crítico-literário. Quanto pesquisador, me deparei com essa dicotomia e o desejo de encontrar um caminho entre elas. Uma ponte em que eu pudesse caminhar com segurança para poder trazer a obra e vida de Caio Fernando Abreu de forma lúcida, sem desprestigiá-lo e honrando sua memória.

Para tornar possível a investigação de um “caminho do meio” entre as teorias, apoiei a pesquisa nos pilares base de autores que já estudam caminhos individuais para cada teoria, como Lejeune (1998), Arfuch (2010), Faedrich (2022), Barthes (2004), Foucault (2001). Mas para fazer o ponto de interseção entre a autobiografia e autoficção, utilizei como principal apoio a obra de Manuel Alberca, *El Pacto Ambiguo: De La Novela autobiográfica a la autoficción*, lançado pela editora Biblioteca Nueva, em 2007. O foco é justamente analisar as escritas partindo de um pressuposto ambíguo, onde o que é escrito e o que é vivido são parâmetros diferentes e iguais simultaneamente. Por mais que o autor escreva uma

interpretação do que ele viveu - e o autor que está escrevendo já é diferente daquele que vivenciou -, é quase impossível descaracterizar a equidistância entre os pactos “auto-bio-ficcionais”. Alberca (2007) defende que “o leitor não consegue distinguir entre o que é ficcional e o que é factual”.

1.1 O gênero epistolar

Por definição pelo dicionário de Oxford, correspondência é o ato, processo ou efeito de corresponder-se, de apresentar ou estabelecer reciprocidade; é o intercâmbio de mensagens e cartas. Podemos indagar: será que os estudos acadêmicos sobre o gênero epistolar diferem do que é conceituado pelo dicionário?

Evidentemente há um aprofundamento no que é estudado, e os próprios teóricos possuem visões diferentes, mas o cerne da questão permanece o mesmo. Foucault (2006) apud Kohlrausch (2015) descreve a carta como baseada no corpo e nos dias: o corpo é responsável pela descrição detalhada das sensações corpóreas, do mal-estar, da angústia diária, podendo variar também entre conselhos que se considera úteis para o correspondente, bem como lembranças e memórias sobre eu, podendo-se até realizar um movimento que diz respeito a um exercício de pensamento. Os dias estão relacionados ao tempo cronológico, às horas em que se denota a correspondência e a periodicidade da escrita.

Marco Antônio de Moraes (2008) apud Kohlrausch (2015) recupera a crônica, “A quem pertence uma carta” escrita por Lejeune (1998) para dizer que “a carta, por definição, é uma partilha. Tem diversas faces: é um objeto (que se troca), um ato (que coloca em cena o ‘eu’, o ‘ele’ e os outros), um texto (que se pode publicar)”. Dessa forma, podemos enxergar a correspondência por um viés ambíguo dentro das teorias sobre autobiografia e autoficção: a carta também recupera a vida e memória de um autor. O pesquisador pode utilizar-se da carta “para recuperar uma expressão testemunhal que define um perfil biográfico”, pois dentro do corpo da correspondência há “confidências e impressões espalhadas pela correspondência de um artista, que contam a trajetória de uma vida, delineando a psicologia singular que ajudam a compreender os meandros da criação literária” (MORAES, 2007).

Dentro da perspectiva que analisaremos no corpus do texto, podemos afirmar que a

teoria sobre o gênero epistolar vai ao encontro das cartas escritas por Caio Fernando Abreu. Durante a leitura da obra organizada por Ítalo Moriconi, vamos perceber que o tempo cronológico é sempre descrito por ele durante as viagens ao exterior ou durante o período em que se estabelece “refugiado” em Porto Alegre, mas além disso, o corpo também é constituído de uma forma magnânima, pois todas as sensações de angústia, desamparo, afeto ou rejeição estão presentes na sua escrita, mas outros fatores também, como a descrição de conselhos que considerou úteis para seus amigos, o estabelecimento de diálogos quando algo estava em dissonância, tanto na parte afetiva, familiar ou do próprio convívio social - as cartas de para Hilda Hilst prova essa periodicidade.

Conseqüentemente, as cartas de Caio também fornecem um testemunho detalhado sobre sua criação literária. Adentrar as cartas é descobrir os mistérios que permeiam as linhas de seus livros. Em diversos momentos, e em diversas correspondências, Caio F. assume esclarecidamente que determinado personagem de alguma obra é inspirado em pessoas do mundo real. Na carta para Maria Augusta Antoun, escrita em Porto Alegre, datada de primeiro de dezembro de 1995, Caio F. diz assumidamente:

“Sei que Vera formou-se em Medicina, encontrei-a certa vez (uns 15 anos?) na praia. No meu último livro, ‘Ovelhas Negras’, tem um conto chamado ‘Lixo e Purpurina’ em que ela é personagem - com o nome de ‘Clara’”

Dessa forma, podemos considerar que as correspondências de Caio, assumem um papel testemunhal para com a sua criação literária, afirmando dentro do pacto ambíguo, o que é factual e omitindo o que é ficcional. As cartas também são conhecidas por serem documentos onde há invenção, que também é dita como verdade, uma vez que o escritor passa a informação ao seu destinatário dessa forma. Galvão (2008) apud Kohlrausch (2015) assume o seguinte posicionamento:

Como saber se a pessoa está inventando? Frequentemente está. Proust inventava às beça em suas cartas, se queixando de tantas e tantas doenças que dá para desconfiar se não seria invenção, uma forma de distanciamento (...) Algumas cartas são mais documentos do que outras, e o difícil está em você equilibrar esses dois pratos da balança, entre o que é documento e o que é invenção. Se há uma invenção, essa também pode ser criação artística.

Conseqüentemente, colocando os fatos “inventados” como propostas da realidade, assumimos um papel autobiográfico para a carta, e não é necessariamente esse o caminho que

incorporamos dentro da pesquisa, e sim adotamos o “pacto ambíguo” descrito por Manuel Alberca, pois o leitor não possui capacidade de distinguir o que é real ou ficcional, por isso é necessário percorrer “o caminho do meio” dentro da escrita de uma carta. pois a invenção também pode ser uma forma de omissão, sendo utilizada para proteger o destinatário de fatores trágicos que poderiam gerar um determinado caos social. Kohlrausch (2015) disserta sobre essa forma de omissão:

Se a essência do literário é a ficcionalização da realidade, marcada por um discurso plurissignificativo, sem o compromisso com a veracidade dos fatos, a carta tem o compromisso de trazer veracidade, pois ela é um documento expressivo que informa o outro acerca da vida do emissor; e que é lida, no momento da recepção, como uma verdade. De que forma pode-se dar a ela um caráter literário? Sabe-se que nem sempre o remetente relata na carta a situação real, omitindo dados ou “fantasiando ocorrências” numa tentativa de contar o que gostaria que tivesse acontecido e não o que de fato aconteceu, ou ainda para amenizar determinada situação, buscando evitar que o destinatário sofra ou que fique desgostoso, entristecido, ou visando ao contrário, visando entristecê-lo, despertar o desassossego e a raiva.

É a partir dessa perspectiva que iremos analisar as correspondências de Caio Fernando Abreu. Localizando as particularidades tidas como desassossego, desafeto, desamor, e até mesmo o contrário, como aconchego, paz, admiração. O objetivo não é descrever as sensações melancólicas contidas na escrita e nem adentrar a solidão descrita, mas sim percorrer o trajeto “auto-bio-ficcional” feito por Caio F. para a sua criação literária. É analisar como o autor ficcionaliza a partir do mundo real. As cartas reunidas por Ítalo Moriconi são um volume demasiadamente denso para ser englobado nesse trabalho, em vista dessa problemática, foram analisadas todas as cartas, e selecionadas três, que continham maior material para embasar a perspectiva do pacto ambíguo. Entre as correspondências selecionadas e os destinatários de Caio Fernando Abreu, estão:

- Vera Antoun

Porto Alegre, 21 de Março de 1972.

- A Maria Augusta Antoun

Porto Alegre, 1, de Dezembro de 1995

Com formação em psiquiatria, Vera Antoun é hoje médica na área de terapias alternativas. Sempre morou no Rio de Janeiro. Tinha 14 anos quando conheceu Caio, em

1970. Na ocasião ele lançava no Rio o livro *Limite Branco* e morava numa comunidade hippie em Santa Teresa. Ao ficar sem casa por desentender-se com os amigos hippies, Caio morou uns tempos na casa da família de Vera. Maria Augusta Antoun é mãe de Vera.

- José Márcio Penido

Porto Alegre, 22 de Dezembro de 1979.

Jornalista, um dos mais antigos e fiéis amigos de Caio. Conheceram-se em São Paulo, nos anos 70. Na época em que a Editora Abril explorou o filão dos fascículos, fizeram algumas coleções. E quando o *Estado de São Paulo* reformulou sua seção de *Artes & Espetáculos*, criando o caderno o *Caderno Dois*, trabalharam juntos por cerca de um ano. Em 1994, dirigiu um programa sobre AIDS para o *Globo Repórter*, na Rede Globo, e entrevistou Caio, já vivendo com seus pais em Porto Alegre.

2 O corpo e os dias

Para iniciarmos nossa breve análise sobre uma pequena parte das correspondências de Caio Fernando Abreu, é de bom tom que apresentemos uma contextualização sobre o período da sua vida e também dos destinatários que estão inseridos na narrativa.

A primeira correspondência na qual analisaremos está datada de 1972, onde encontramos um Caio Fernando Abreu ainda jovem, começando sua carreira de escritor, pois lança sua primeira obra em 1970 - *Limite Branco* -, e simultaneamente passa pelo processo opressor da Ditadura Militar. Nesses anos de retaliação cultural, Caio F. se refugia em diversas casas de amigos, principalmente no sítio de Hilda Hilst, e justamente nesse período, cria seu laço romântico-afetivo com Vera Antoun. Na correspondência analisada, nosso foco é circundar os parâmetros “auto-bio-ficcionais” estabelecidos por Caio para com Vera. Em um dos primeiros parágrafos Caio F. escreve:

Eu ia te escrever qualquer dia, eu tinha e tenho um monte de coisas para te dizer, aquelas coisas que a gente cala quando está perto porque acha que as vibrações do corpo bastam, ou por medo, não sei. Mas as coisas todas, externo-interno, eram muito difíceis e escuras, eu não tinha condições de mostrar ou dar nada a ninguém

que não fosse também escuro, compreende?

Se torna icônico percorrer o caminho descrito por Caio Abreu, pois as linhas de raciocínio e memória se misturam aos sentimentos experimentados durante o ato da escrita. Por isso se torna difícil verificar a autenticidade dos fatos descritos, pois as alterações do tempo-espaço são inevitáveis dentro do âmbito da memória. Faedrich, em seu livro “Teorias da Autoficção” utiliza-se da teoria de Serge Doubrovsky para exemplificar a escrita autoficcional e apontar os caminhos do “eu” percorridos pelo autor:

No meu caso particular, a escrita autoficcional abole a estrutura narrativa linear, rompe com a sintaxe clássica, substituindo-a por um encadeamento de palavras por consonância ou dissonância; a frase é sempre guiada, construída, em uma sucessão de parônimos vírgulas, pontos, espaços vazios, eventual desaparecimento de toda a sintaxe. Associações de palavras como as associações existentes na psicanálise. A escrita tenta traduzir a fragmentação, a quebra do eu, a impossibilidade de encontrá-lo numa bela unidade harmoniosa. Neste surgimento inesperado de palavras e de pensamentos desconexos revela-se uma alteridade fundamental do sujeito ao longo do tempo. (Doubrovsky, 2011)

É da forma apontada por Doubrovsky apud Faedrich que vamos trazer para a carta em análise. A alteridade do eu presente no corpo, traz o esfacelamento dos dias, deixando o leitor totalmente perdido na temporalidade descrita por Caio F. em suas correspondências. Nos trechos a seguir vamos poder assimilar essa falta do tempo cronológico:

Passei coisas difíceis. Fui demitido da Bloch e estive preso por porte de drogas. Depois disso, voltei para cá e, durante algum tempo, mergulhei numa série de viagens lisérgicas, de onde saí mais confuso do que nunca. Perdi minha identidade, me desconheci. Passei um mês inteiro trancado no quarto, sentindo dor. Não exatamente sentindo, mas sendo dor, sem falar com ninguém, sem pensar nada, sem fazer nada. Passei janeiro na praia, com meus pais e meus irmãos, e em fevereiro fomos pra Itaquí, uma cidadezinha na fronteira com a Argentina onde moram meus avós e tios. Acho que foi um pouco o ter voltado a encontrar a paisagem da minha infância que me fez reencontrar também comigo mesmo, voltar a abrir os olhos e não fugir mais.

Depois das viagens, estive quase paranoico. Vi monstros horrendos nas pessoas, me senti perseguido e encurralado, aí me tranquei em casa e, cada vez que saía, era um suplício — voltavam as ondas do sunshine e eu achava que as pessoas iam me morder, rir de mim, um inferno. Quando melhorei um pouco, tentei sair e procurar alguns amigos, mas não consegui nenhuma integração com eles. Fiquei surpreendido com o grau de vampirização das pessoas: todas elas preocupadíssimas em falar, falar, falar, extrair opiniões, orientações, dicas, dizer coisas inteligentinhas, mostrarem que não são caretas, que não têm medo, que não sentem dor. Cada contato meu com alguma pessoa representava uma perda enorme de energia vital: eu saía esgotado, confuso, com dor de cabeça e, principalmente, com dor por não poder fazer nada

pelo desespero alheio. A minha própria miséria aumentava. Foi aí que a solidão deixou de ser involuntária para se transformar em escolha. E foi bom, está sendo bom.

Nos trechos acima, vamos perceber um dos fatos descritos para Vera onde Caio F. discorre sobre os próprios acontecimentos, como ele próprio (quanto eu) se via inserido dentro de uma sociedade vampírica. O tempo cronológico é uma mentira dentro de uma carta. Pois o autor faz um movimento de gangorra, de ir e vir a partir de sua própria memória, ficcionalizando a partir de sua própria vivência.

O trecho supracitado ilustra de forma magnânima o conceito apresentado por Alberca e Faedrich, pois, Caio Fernando utiliza-se de dois momentos para criar um clímax dentro de sua escrita. Primeiro, ele passa pelo processo de retorno ao seio materno em Porto Alegre e por conseguinte descreve uma breve passagem pelas “viagens lisérgicas”¹. Seguindo o texto descrito neste trabalho, vamos perceber que há uma continuação do pensamento de Caio, pois há uma descrição de como ocorreu essa passagem de “autoconhecimento” através do uso de drogas. Contudo, se olharmos para o texto original, sem alterações do pesquisador, encontramos o que norteia o conceito de temporalização encontrado na teoria sobre autoficção: Na carta escrita para Vera, Caio F. fala sobre sua volta para Porto Alegre, e logo em seguida, começa a descrever suas sessões de psicologia com uma nova metodologia alemã, só depois ele resgata a memória do uso de entorpecentes para descrevê-la melhor. Nesse trecho omitido, Caio Fernando escreve:

Estou fazendo análise, ontem tive a primeira sessão. Não é esticado no divã e o analista remexendo a cuca com seu bisturi freudiano-kleiniano-enferrujado. O método de um alemão Schultz (o papa germânico da psicanálise), fundamentado na auto-hipnose, concentração, relaxamento, meditação, auto análise-baseado nas filosofias orientais, ioga, zen-budismo, tao. O paciente aprende a dominar seu corpo e sua mente, e no último estágio, alcança uma grande paz ou conhecimento (espécie de nirvana ou satori), encontra dentro de si reservas de criatividade e pode orientar-se para qualquer objetivo, auto-estimulando-se. Os exercícios de concentração, como a ioga, podem levar a ter visões de cores, paisagens paradisíacas, essas coisas. E tudo isso acaba com a ansiedade, a angústia, a insegurança. Vai ser bom e vou conseguir.

¹ Provavelmente chá de cogumelos alucinógenos. O período de 71, 72, 73, é o apogeu tanto dos “anos de chumbo” (o momento mais duro da ditadura militar, governo Médici) como de sua contraface jovem e contracultural, a época do “desbunde”, das viagens lisérgicas de LSD, da loucura, dos cogumelos, da marijuana. Entre a depressão e a euforia.

Dessa forma podemos pensar no movimento de gangorra feito pelo autor, trazer uma lembrança, criar um clímax e depois continuar discorrendo sobre os acontecimentos. Nesse trecho é como se Caio quisesse dizer “passei por algumas coisas difíceis, estou me tratando, são difíceis mas estou bem”, mas isso é apenas uma tentativa falha (uma não tentativa) de desmembrar um texto literário. Poderíamos traçar um paralelo autobiográfico, alterar as consonâncias de tempo e utilizar o nome real impresso na capa para falarmos sobre “vivências factuais”, mas seria imprescindível trazer as perspectivas de Caio Fernando Abreu dentro do âmbito autoficcional, pois só assim conseguiríamos tratar sobre uma narrativa onde há “uma escrita de si”, pois consideramos o sujeito, a obra escrita, o texto e onde ele se insere, mas principalmente, a falta de limites da mente humana. Quando falamos sobre autoficção, Faedrich (2022) discorre sobre o assunto conceituando-o:

Na autoficção, o autor não escreve sobre a sua vida seguindo, necessariamente, uma linha cronológica. Em contraponto com a autobiografia tradicional, a autoficção também não tenta dar conta de toda a história de vida de uma personalidade. A escrita autoficcional parte do fragmento, não exige início-meio-fim nem linearidade do discurso; o autor tem a liberdade para escrever, criar e recriar sobre um episódio ou a experiência de sua vida, fazendo, assim, um pequeno recorte no tempo vivido. FAEDRICH (2023) posição 1284, Kindle.

Dessa forma, podemos partir do pressuposto em que “a parte corresponde ao todo”, pois, como dito anteriormente, não estamos preocupados em resgatar toda a lembrança de uma vida, percorrer um trajeto fidedigno de como os fatos aconteceram na vida real. O interesse primordial é costurar os retalhos da memória relatados pelo autor em seu texto, é traçar um trajeto de como as coisas aconteceram e como o autor gostaria que elas tivessem acontecido. Esse é o único material que podemos nos apoiar para traçar análises através da “transfiguração literária”. Alberca (2007) disserta como podemos costurar ambas as visões dentro de uma análise no trecho:

As autoficções são baseadas na identidade visível ou reconhecível do autor, narrador e personagem da história. Nesse contexto, identidade não significa necessariamente essência, mas um fato que pode ser apreendido diretamente no depoimento, no qual percebemos a correspondência referencial entre o plano do enunciado e o da enunciação, entre o protagonista e seu autor, como resultado sempre da transfiguração literária. ALBERCA (2007) posição 235, Kindle. (tradução minha)

Alberca traz de forma pontual a questão da pluralidade dos *Eus* mesmo sem traçar um raciocínio com essas palavras. O pesquisador pode se atentar com apenas uma questão: o corpus que está trabalhando. Não podemos sair dos limites das escritas de si para percorrermos as divagações do autor. Como dito, podemos nos atentar ao ponto referencial que se norteia pela enunciação através do enunciado, principalmente quando traçamos uma perspectiva literária dentro de uma ambiente tão particular como no caso da carta, pois ela também pode servir como uma espaço de reflexão para o remetente.

Como é o caso de Caio Fernando Abreu em sua escrita: em nenhum momento vamos perceber uma tentativa de reconciliação com Vera - não que o relacionamentos do dois importe nesse trabalho -, mas vamos perceber através do seu pedido de desculpas que toda a sua enunciação é voltada para o “eu”. Como ele se via inserido na sociedade, como estava vivendo a vida e como gostaria de viver. Esse pensamento é comprovado uma vez que se torna a despedida para Vera. Quando as despedidas de amor acontecem, Caio também escreve sobre seus processos pessoais, e em como isso afeta diretamente a impossibilidade de junção do casal.

Mas, como dito anteriormente, nosso interesse não se resume aos relacionamentos interpessoais amorosos de Caio Fernando Abreu. Estamos focalizando aspectos auto-bio-ficcionais que estejam presentes em suas cartas mas que também reverberam em sua criação literária. Para concluirmos nosso pensamento, vamos resgatar o último trecho da correspondência analisada para delinear o retrato ambíguo. Por esse conceito, vamos entender ser uma perspectiva onde o leitor olha para o que o escritor escreveu, e tenta a partir deste reflexo entender mais sobre sua própria personalidade, não com um caráter analítico, mas com um olhar curioso. Alberca (2007) diz que a vida dos escritores, o dito cujo, artistas, se tornaram um produto a ser vendido para uma sociedade, pois, sua existência era construir uma personalidade própria, que fosse ao mesmo tempo única e extraordinária. Dessa forma, construindo uma vida utópica, poderiam dizer que viveram intensamente e também deram sentido à sua própria existência.

Conseqüentemente, é inevitável pensarmos que Caio Fernando também construiu sua própria história de vida. Quando nos referimos aos autores, tudo o que um autor escreve, parte de um processo mental de construção de uma realidade ficcional com base em fatos vividos. É através dessa perspectiva que vamos reiterar sobre a construção da escrita

“auto-bio-ficcional”. Caio F. também utiliza-se de fatos vividos para construir uma nova narrativa, podemos observar no trecho:

Não nego nada do que fiz, também não tenho arrependimentos ou mágoas: eu não poderia ter agido de outra maneira a você mesmo levando em conta o quando eu estava confuso naquela época. Também já não tenho queixas infantis, na base do “tudo dá errado pra mim”, ou autopunições como “eu sou uma besta, faço tudo errado”. Nada é errado, quando o erro faz parte de uma procura ou de um processo de autoconhecimento. Gosto de olhar as pedras e os desenhos do vento na superfície da água, gosto de sentir as modificações da luz quando o sol está desaparecendo do outro lado do rio, gosto de sentir o dia se transformando em noite e em dia outra vez, gosto de olhar as crianças brincando no corredor de entrada e das palmeiras que existem no meio da minha rua - gosto de pensar que vou sempre ter olhar para gostar dessas coisas, e por mais sozinho ou triste que eu esteja vou ter sempre esse olhar sobre essas coisas. Não sei muito, também não tenho muito, também não quero muito, mas estou aprendendo a respirar o ar.

Transcrevemos o último trecho da carta de Caio para Vera, pois é necessário que saibamos interpretar fidedignamente o trecho em que o autor esclarece as pendências de sua vida através da busca pelo cotidiano. Essa é a forma como Caio Fernando Abreu expressava-se em sua escrita - mas trataremos desse assunto em específico na carta em seguida -, portanto, a forma cotidiana e como ele atravessa os dias reflete diretamente em seu “fazer literário”. Assim, quando ele escreve o trecho acima, podemos dizer, apoiados por Alberca (2007) que o autor interpreta seus “múltiplos eus que aparecem na escrita”, pois Caio Fernando Abreu cria esse movimento de idas e vindas com Vera Antoun, e se torna quase questionável como o desenrolar dos fatos acontece, pois, por mais que a carta seja destinada a ela, jamais podemos inferir sobre o “quesito relacionamento” dentro da correspondência porque temos apenas um lado da história - o de Caio F. -, enquanto as correspondências escritas por Vera permanecem nas sombras.

Consequentemente, não adentramos dentro deste aspecto por acreditar que o cerne que norteia a escrita das correspondências, a escrita de sua “auto-bio-ficção”, e de sua própria literatura, é a busca por conhecer “quem eu sou” e principalmente, buscar “quem eu posso ser”. Nas palavras do próprio autor: “Nada é errado quando o erro faz parte de uma procura ou de um processo de conhecimento”. É partindo desse processo de conhecer-se, é que adentramos dentro da “multiplicidade de eus”, como se conhecêssemos ou pudéssemos conhecer as facetas de “eu” presentes na escrita do autor. Mas, por enquanto, nos contemos com apenas as facetas sobre a procura e a forma como Caio Fernando Abreu, se vê e se percebe na figura de autor, de criador de uma produção literária que toca pessoas e almas.

3 O escritor e a escrita

A segunda correspondência na qual iremos analisar neste trabalho é enviada para Márcio José Penido, e no corpo do texto, vamos ter um desabafo de Caio Fernando Abreu para o seu amigo. No texto de apresentação dos destinatários feito por Ítalo Moriconi, o autor escreve sobre Penido da seguinte forma: “um dos mais antigos e fiéis amigos de Caio”, mas, o conteúdo da carta trata-se de um desabafo de Caio sobre como a amizade dos dois era importante para ele, mesmo passando por momentos difíceis nas últimas conversas.

A relação de amigos entre Penido e Caio não nos interessa como foco principal, o objeto de estudo, o nosso corpus propriamente dito, deriva-se de momentos da correspondência onde Caio F. propõe estabelecer limites para com seu amigo. Esse momento de dizer como ele se via, como era, o que merecia e o que não suportaria, deixou um denso material para vermos Caio Fernando Abreu através da perspectiva de sujeito, de autor, de amigo, de figura pública e tantas outras. Mas antes de abordarmos fidedignamente a correspondência em questão, faremos um apanhado geral da sociedade em que o autor estava inserido.

A correspondência analisada é data de 1979, ano em que João Figueiredo tomou posse e foi assinada a anistia, assim, voltou o pluripartidarismo e nascia na população mundial um sentimento de esperança de um novo sistema político para Brasil, uma vez que esse movimento ditatorial engessou a economia, as relações internacionais, e até os contextos sociais e culturais, como o cinema, a arte e a criação literária. Então, pessoas que antes estavam exiladas voltaram para a nação, a cultura e a literatura puderam respirar com mais liberdade. Uma das pessoas afetadas por esse processo, é Caio Fernando, que antes era censurado pela Ditadura e agora poderia escrever sem amarradas ou sem olhos que acompanham seus passos como escritor. Consequentemente, Caio conseguiu respirar com mais liberdade em suas questões criativas, e essa época foi marcada por um sentimento de muito entusiasmo e felicidade por sua parte, por isso a correspondência assume um tom mais sério com Márcio Penido.

Porém, se torna imprescindível dizer que fizemos um recorte de tempo de oito anos, a distância temporal entre Caio no início de sua carreira - com Limite Branco -, e depois lançando um dos seus maiores sucessos como escritor - Morangos Mofados -, dessa forma, é inexequível falarmos sobre um recorte temporal de oito anos sem falarmos sobre a trajetória

de vida do autor em questão. Na primeira carta abrangida por este trabalho, temos um Caio F jovem, recém lançado no mercado editorial como escritor, e logo em seguida, uma pessoa que se vê mais bem preparada para assumir a figura de escritor, mesmo que “siga o caminho às cegas”. Conseqüentemente, iremos puxar um recorte para demarcarmos o espaço preenchido pelos aspectos “auto-bio-ficcionais”, uma vez que estaremos traçando a trajetória de vida do autor cronologicamente, mas também nos atentarmos aos fragmentos para localizar os diversos perfis que o escritor imprime na carta.

Decretar de forma oportunista e simplificadora que escrever autobiografias é fazer ficção, porque a verdade absoluta é inacessível ao homem, é certamente menos comprometido do que enfrentar os desafios de uma escrita que aspira a ser verdadeira ou, pelo menos, é fruto de uma séria confusão. Na minha opinião, o que subjaz a um julgamento como esse é um critério errôneo, que simplifica ao invés de explicar, pois se tudo é passível de ser entendido como ficção, não há como reconhecê-lo ou distingui-lo, já que não há termo de oposição. Dessa forma, e pela mesma razão, poder-se-ia decretar que tudo é autobiografia, pois se é impossível estabelecer comparações e distinções, tudo é um só.
Alberca, 2007, posição 420, Kindle.

Resgatando o conceito de Manuel Alberca sobre a diferenciação entre autobiografia e autoficção, considerando os aspectos supracitados por Kohlrausch sobre a funcionalidade do gênero epistolar, podemos observar que a faceta apresentada por Caio Fernando em sua carta para Márcio Penido, é um resgate de aconselhamento que o autor faz através de si mesmo, como se a sua vivência pessoal pudesse ser transcrita e oferecida como um suporte para o destinatário. Podemos até inferir hipoteticamente que a carta tenha feito sentido para Penido, mas o que Caio deixa é um legado para seus leitores, pois, quando nos adentramos ao corpo da carta, podemos encontrar uma verdade que é imprimida pelo próprio autor através do fazer literário. Quando ele oferece um conselho baseado em suas próprias experiências, está basicamente dizendo “eu já vivi isso”, não que essa afirmação seja necessária ou importante, mas traz um ponto de partida para dizermos quem foi o escritor Caio Fernando Abreu. Podemos observar o trecho abordado no seguinte parágrafo:

Você quer escrever. Certo, mas você quer escrever? Ou todo mundo te cobra e você acha que tem que escrever? Sei que não é simplório assim, e mil coisas outras envolvidas nisso. Mas de repente você pode estar confuso porque fica todo mundo te cobrando, como é que é, e a sua obra? cadê o romance, quedê a novela, que dê a peça teatral? DANEM-SE, demônios. Zézim, você só tem que escrever se isso ver de dentro pra fora, caso contrário não vai prestar, eu tenho certeza, você poderá enganar

a alguns, mas não enganaria a si mesmo, não preenchendo esse oco. Não tem demônio nenhum se interpondo entre você e a máquina. O que tem é uma questão de honestidade básica. Essa perguntinha: você quer mesmo escrever? Isolando as cobranças, você continua querendo? Então vai, remexe fundo, como diz um poeta gaúcho, Gabriel Britto Velho, “apaga o cigarro no peito! diz pra ti o que não gostas de ouvir/ diz tudo”. Isso é escrever. Tira sangue com as unhas. E não importa a forma, não importa a “função social”, nem nada, não importa que, a princípio, seja apenas uma espécie de “auto-exorcismo”. Mas tem que sangrar a-bun-dan-te-men-te. Você não está com medo dessa entrega? Porque dói, dói, dói. É de uma solidão assustadora. A única recompensa é aquilo que Laing diz que é a única coisa que pode nos salvar da loucura, do suicídio, da auto-anulação: um sentimento de glória interior. Essa expressão é fundamental na minha vida. Eu conheci razoavelmente bem Clarice Lispector. Ela era infelicíssima, Zézim. A primeira vez que conversamos eu chorei depois a noite inteira, porque ela inteirinha me doía, porque parecia se doer também, de tanta compreensão sangrada de tudo. Te falo nela porque Clarice, pra mim, é o que mais conheço de GRANDIOSO, literariamente falando. E morreu sozinha, sacaneada, desamada, incompreendida, com fama de “meio doída”. Porque se entregou completamente ao seu trabalho de criar. Mergulhou na sua própria trip e foi inventando caminhos, na maior solidão. Como Joyce. Como Kafka, louco e só lá em Praga. Como Van Gogh. Como Artraud. Ou Rimbaud.

Podemos constatar nitidamente o movimento realizado por Caio F, em interligar os pontos entre suas próprias vivências, para criar um conselho que gerasse um efeito em Márcio Penido, isto é, Caio trouxe sua faceta como um escritor, como um criador literário, como ele próprio constata “como um agente transformador da literatura”. Assim, o autor traz a perspectiva de rememoração para a criação, e tal movimento dialoga com a teorias sobre as escritas de si, tanto a autobiografia, quanto a autoficção geram um denominador comum para que o autor seja capaz de criar e escrever sobre si próprio, com capacidade e liberdade de criação espontânea. E com isso, ele - o autor -, pode utilizar de vários aspectos subjetivos que imperam no reino mental, como próprio Caio Fernando constata: “remexa na memória, na infância, nos sonhos, nas tesões, nos fracassos, nas mágoas, nos delírios mais alucinados, nas esperanças mais descabidas, nas fantasias mais desgafadas, nas culpas mais terríveis...” e o autor continua listando hermeticamente uma busca por aspectos abstratos: “nas vontades mais homicidas, no mais aparente inconfessável, nas culpas mais terríveis, nos lirismos mais idiotas, na confusão mais generalizada, no fundo do poço sem fundo do inconsciente: é lá que está o seu texto.”

Dessa forma, torna-se substancial o caráter confessional imprimido na correspondência de Caio Fernando, e por mais que no texto seja dito “os processos que ocorrem para a produção literária são”, isto é, por mais que o autor sistematiza sua criação, é como se fizesse o processo de encapsulamento, mas com nebulosas estelares. Por mais que a metáfora sobre a produção literária possa ser um tanto subjetiva, de fato poderíamos ter

optado por “encapsulamento de palavras”, mas ao dizer “*nebulosas*”, estamos optando por dizer que Caio F tenta dar conta do encapsulamento de conceitos. Todos os itens listados remetem a um aspecto interior, subjetivo e abstrato. A memória, a infância, os sonhos, os sentimentos, as confusões mentais e o desespero se tornam o corpus do autor, assim, a matéria que antes se tornava abstrata, é moldada pelo autor e transformada em um corpus literário, ou em texto.

O caráter literário impresso por Caio F no conceito de “encapsulamento de nebulosas” é necessário, pois, por mais que ele faça parte de uma geração contemporânea da literatura, onde o ser subjetivo já era objeto de estudo de vários textos, e as personagens se tornavam cada vez mais complexas e com facetas distintas de personalidade, Caio nunca sistematizou materialmente o que Márcio Penido deveria fazer para realizar o texto: não há passagens aconselhando caminhar o parque, ou andar de bicicleta e observar a paisagem enquanto faz tais atividades, para no fim do dia transcrevê-las no papel. Muito pelo contrário, todas as tentativas de aconselhamento de Caio F diziam a respeito de assuntos demasiadamente complexos, e sua própria complexidade intelectual já era material demais para qualquer escritor, por isso trabalhamos com o conceito de “encapsulamento de nebulosas”.

Se pensarmos bem, uma nebulosa é um conjunto de poeira cósmica com alguns gases, como hélio e hidrogênio. A poeira cósmica presente em uma nebulosa é proveniente de pedaços de estrelas que já faleceram e, portanto, viraram poeira. Ao compararmos com os aspectos supracitados por Caio, podemos ver que não há nada inovador, são todos aspectos que somos e, portanto, já fomos. É essa massa de poeira cósmica que Caio Fernando Abreu molda para realizar a sua criação literária partindo de sua própria vivência, e não há como conceituarmos com outro evento astronômico, pois, poderíamos dizer que o autor cria supernovas, eclipses ou conjunções planetárias, mas seria uma farsa, já que Caio sempre tratou especificamente da matéria humana “mais crua e sangrenta”. Inspirado diretamente por Clarice Lispector, seria impossível observarmos caminhos diferentes a não ser o interesse pelos aspectos abstratos da alma humana e de sua própria existência.

A obra de Caio apresentou tantas facetas que poderiam se encaixar como luvas dentro das teorias sobre autobiografia e autoficção, mas devido ao espaço limitado que possuímos para a explicação de conceitos, vamos optar por apenas fundar alicerces para a teoria, delimitá-la, e darmos uma atenção especial para a correspondência do autor, uma vez que o corpus do trabalho constitui-se da trajetória narrativa realizada para a construção de um “eu”

que é impresso nas correspondências. Esse entendimento se torna imprescindível, uma vez que, a obra e vida do autor é recheada por acontecimentos seculares e pessoais que marcam a sua trajetória, e conseqüentemente a sua escrita.

O próprio período em que Caio Fernando vive é situado por período de grandes transformações sociais e literárias, já que em 1879, vamos ter a posse de João Figueiredo e a liberdade de expressão e criação que se instaurou juntamente com o novo presidente, pois, Caio F. foi uma figura que sofreu demasiadamente com as perseguições ditatoriais e sua produção literária sempre foi cerceada pela censura. Mas, com um novo projeto político se instalando no Brasil, o autor encontra uma nova liberdade para poder criar, escrever e dissertar sobre assuntos considerados tabus pela sociedade, dessa forma, em 1882, Caio Fernando Abreu, lança uma de suas obras mais célebres que garantiu seu renome como escrito dentro da sociedade brasileira: *Morangos Mofados*.

A obra supracitada garantiu que Caio F não caísse no anonimato. Suas obras sempre foram lidas e comentadas dentro das comunidades literárias locais, mas foi apenas com o lançamento de *Morangos*, é que Caio F garantiu seu reconhecimento como escritor. Traduzida para diversos países, tratando de assuntos subjetivos que eram menosprezados pela maioria dos escritores, e com um recebimento magnânimo por parte do público, a obra se torna um dos livros mais vendidos, publicados e traduzidos de Caio Fernando Abreu, e com essa perspectiva o escritor consegue traçar novos planos de carreira, já que começa a desfrutar de um pequeno sucesso, e assim começa a viajar para o exterior, fazer novos contatos editoriais e começa a despontar dentro de uma sociedade literária.

4 Vida, Morte e Recomeço

Traçar um perfil “auto-bio-ficcional”, como dito anteriormente, pode ser uma tarefa demasiadamente complexa. Mas a natureza criacionista e inovadora de Caio Fernando Abreu, abre portas e janelas para que os pesquisadores possam se debruçar sobre a existência do autor, e entrar em sua casa para realizar a pesquisa. Durante todo o trajeto, para entender e analisar a trajetória literária de Caio F., foi possível que conhecêssemos diversas facetas do autor que se imprimem no papel durante o ato de escrever uma correspondência. É a partir dessa perspectiva que esse trabalho se baseia para construir uma análise autobiográfica e

autoficcional do sujeito que assina o seu nome como remetente de uma carta. Acompanhando sua trajetória vamos perceber a construção de um degradê de personalidades ou construções sociais, já que, no começo de sua vida e de sua criação, Caio Fernando Abreu assumia o papel do jovem desesperado e necessitado de inúmeras habilidades, esperanças e projetos. Vamos ter Caio F. como um jovem escritor, que inicia sua vida com a publicação de “Limite Branco”, mas ainda possui diversos caminhos a serem percorridos. O próprio autor, assume em suas correspondências relacionadas a esse período, que sua existência ainda carecia de um objetivo, e que cotidianamente, se encontrava perdido entre seus planos e objetivos para alcançar uma verdade e uma solidez como escritor.

Em um segundo momento, vamos ter Caio Fernando Abreu já conquistando seu espaço como o escritor que sempre projetou que seria. Durante sua trajetória - como muitas vezes descrito neste trabalho -, Caio F. se embebedava de cultura e técnicas de escrita para aprimorar sua criação literária. Sempre foi um exímio leitor, sempre amou visitar teatros e escrever peças como o incrível dramaturgo que foi, e principalmente, sempre teve olhos sutis para reconhecer a subjetividades presentes no escopo da sociedade, e conseguiu a partir disso, transmutar as subjetividades em palavras, e assim, criar seu próprio texto. Conseqüentemente, Caio F Abreu também apropriou-se de inspirações do mundo literário para também compor sua escrita, como podemos observar através de seu fascínio por Clarice Lispector, e mesmo com toda essa admiração, não quis copiar algo que estava pronto e seguir um molde. O autor criou uma forma de escrever completamente nova partindo da estrutura de suas vivências.

Sua criação passou por momentos de lapidação e transmutação, e nesse gradiente, Caio F. conseguiu se destacar depois que se libertou das amarras impostas pela Ditadura Militar, e assim começou a escrever com mais autonomia. Sem ter um órgão dizendo o que ele poderia ou não publicar, começou a tirar seus rascunhos e suas ideias da gaveta e disparou no mercado editorial com o lançamento de Morangos Mofados, juntamente com o reconhecimento e a independência, Caio atravessava uma fase de pleno comprometimento com a escrita, e assim perdurou até o final de sua vida.

E quando tratamos sobre desfecho ou principalmente, sobre a finalização da obra literária de Caio Fernando Abreu, vamos nos adentrar em uma das fases mais sofridas e mais conturbadas de toda sua vida e obra. A terceira e última carta analisada neste trabalho corresponde ao ano de 1995, um ano antes do falecimento do autor, e conseqüentemente, vamos atravessar toda uma geração de sofrimentos, de angústias, de um desespero que

atravessou o fazer literário de Caio Fernando Abreu e toda sua perspectiva de vida. O final da década de 70, com a era “*Disco*” despertando mundo afora, foi marcado por imensa liberdade de expressão sexual. No início dos anos 80, chegaram notícias dos EUA, sobre o surgimento de uma síndrome mortal que atingia prioritariamente, a comunidade gay, o HIV, é um conjunto de sintomas que denominaram como “AIDS” - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida -. A AIDS era chamada de **Câncer Gay ou Peste Gay**. O desbunde sexual, deu lugar a uma década marcada pela intolerância social, uso obrigatório de preservativos (artigo desconhecido pela maioria da população mundial), e os primeiros pacientes com a síndrome fatal. Mortalidade altíssima, falta de medicamentos, uma condição que proibia ao soropositivo, falar da sua condição e conviver em sociedade. Aliás, a sociedade mundial, mostrou naquele momento, o quão cruel e malévolos poderia ser, apontando pessoas nas ruas, difamando gays, tachando pessoas pejorativamente como “*Aidéticos*”. Ter AIDS, era uma sentença de morte. Os efeitos da Síndrome eram imensamente severos e transformavam os soropositivos, numa nova e repugnante categoria de zumbis humanos, com biótipo próprio, com pele escurecida, emagrecimento extremo, queda de pelos e cabelos. A primeira leva de soropositivos, foi condenada à morte, e cumpriu, alojada da sociedade, seu triste destino. Sem terapia eficaz disponível, cabia aos primeiros soropositivos o silêncio, o anonimato, a negação, o estigma, e por fim, a morte inevitável. Caio Fernando Abreu, viveu todos estes processos, soropositivo que foi, e isso, se refletiu no seu final de vida como escritor e na sua obra literária.

Dessa forma, podemos entender que o contexto social da época em que as correspondências se situam, foram marcados por um surgimento de uma nova doença que abalou toda a estrutura social de uma comunidade. Os homossexuais já começavam a ser perseguidos como bichos, sendo retratados como doentes e portadores de uma praga contagiosa e mortal. A era da desinformação e do medo instaura-se pouco a pouco, a Era das Trevas pairava sobre a comunidade homossexual, e enquanto algumas pessoas eram mortas por seres humanos ou pela praga, outros utilizaram do momento para falar sobre os processos que estavam sendo vivenciados. Caio Fernando Abreu foi uma das célebres pessoas que não quisera esconder sua situação como soropositivo, em sua “*Carta Para Além dos Muros*”, vamos ter um relato confessional de como o autor estava recebendo a doença e como ele gostaria que os leitores reagissem à notícia.

Para circundar os aspectos sobre a criação literária de Caio Fernando, e também para demarcar os espaços ocupados por ele, mesmo sendo soropositivo, vamos trazer a

correspondência de 1995, destinada a Maria Augusta Antoun - mãe de Vera e Henrique Antoun -, e nessa correspondência vamos encontrar uma carta-resposta do autor, contando sobre seus momentos finais dentro da cotidianidade do ser, e também relembrando episódios antigos vividos na casa da família Antoun. Caio Fernando Abreu inicia a escrita de sua correspondência:

Vocês foram - são - tão importantes e queridos pra mim. Jamais vou esquecer da minha “adoção” pela família Antoun, no Leme. Eu completamente desorientado, desempregado, com vinte e dois anos, sem casa, sem dinheiro - e vocês de uma generosidade absurda. Sem saber quem eu era, de onde eu vinha. Até hoje lembro com muito, muito amor. [...]

Inicialmente, Caio Fernando Abreu assume uma posição nostálgica em sua carta em relação ao seu passado e suas próprias vivências, já que o próprio autor encontra-se na fase “terminal” de sua vida, e rememorando suas experiências com Maria Augusta Antoun, vamos observar que Caio F. também se sente imensamente suprimido pela doença que se instaura nesse período final de sua experiência terrena. Durante vários momentos vamos perceber que o autor pede apenas “por mais tempo”, pois, analisando e acompanhando toda a trajetória literária de Caio, vamos constatar que esse período final, onde já estava consolidado como autor e possui extrema liberdade para poder escrever, teve uma duração mínima comparado aos anos de lutas para chegar aonde chegou. Vários anos foram batalhando por sua escrita, batalhando por sua reputação e se fazendo ser conhecido por autores e editoras, até que quando finalmente o êxito bate à sua porta, ele chega junto com uma carta de despejo, e mesmo tendo toda essa problemática em voga em seu próprio cotidiano, o autor não perde a esperança. “Descobri que somos muitíssimos capazes de suportar a dor que supomos. Vide Frida Kahlo.” Sobre o estado físico de sua matéria, o autor descreve da seguinte forma e ainda mantém um comprometimento com o futuro:

Fisicamente, vou lutando. É barra pesada. Ano passado, quase morri durante um mês de internação hospitalar. Sobrevivi. Agora estou saindo de um mês imobilizado (artrite) e lutando com uma hepatite química, resultado de remédios muito tóxicos, que me dão dores horríveis. Meus médicos - um oncologista, um homeopata e um acupuntor - são ótimos, meus pais e irmãos são doces - e eu barganho com Deus o tempo todo pedindo tempo para escrever pelo menos mais uns seis livros. Estou escrevendo. Sei que o tempo que eu tiver será exato. E sei também

que pode acontecer não “um milagre” mas uma sobrevivência maior [...] Mas que se tenha uma vida completa, que possa passar por ela deixando algo bom para o planeta, para os outros. Vezequando penso que, no que escrevo, quase consigo. E me sinto sereno. Mas quero fazer mais [...]

É inegável para os leitores a conformidade de Caio Fernando Abreu com seu quadro clínico, e a paz de espírito que vamos encontrando no decorrer da escrita das correspondências, nos deixa a possibilidade de inferir que o autor queria deixar toda a sua obra literária para a posterioridade, como se fosse um tesouro pirata escondido em alguma ilha deserta, esperando para ser encontrado. Muito mais que a noção de valor impressa em um tesouro, acreditamos que Caio Fernando Abreu sempre planejou deixar suas criações como uma forma de herança para humanidade, e acreditou que teria o tempo necessário para escrever os livros que desejava, que considerava importantes.

Dentro dessa perspectiva, encontramos traços autobiográficos e autoficcionais que se exprimem dentro de sua escrita, uma faceta de um novo autor, uma nova forma de olhar com mais esperança para a vida. Caio Fernando Abreu, desde os anos iniciais de sua carreira como escritor, nunca quis sucumbir às desventuras do dia a dia, sempre enfrentou todos os percalços de peito aberto com expectativas de dias melhores. E até mesmo em momentos onde a vida parece se esvaír, o autor ainda se projeta como uma figura capaz de fazer algo grandioso, mesmo em um estágio terminal.

Essa perspectiva trazida por Caio F., em ter tempo de escrever o que é necessário ser escrito, e ter a capacidade e a saúde para desenvolver sua criação literária, é algo muito marcado dentro da narrativa de suas correspondências, pois, o autor instaura-se na cotidianidade para desenvolver sua poética, que permaneceu em toda sua jornada. Essa poética, que é trazida para o dia a dia, e transformada em uma auto-bio-ficção, é descrita no trecho:

Minha fonte de energia maior é o jardim. Estou ficando craque! Dou certo principalmente com as roseiras, sempre-vivas, crisântemos. As begônias e as dalias não me aceitam muito. Tem almandas amarelas tramadas na sacada do meu quarto (aquele que você ficou), com direitinho a cortina de renda portuguesa, e agora vai subindo, também uma buganvília. Tem jasmineiro que acaba de dar o primeiro botão, tem ráfia, uma palmeira muito exótica, e é tudo assim um “reu sauvage” sem ordem, sem disciplina. E inimigos. Pragas, formigas. Tem que estar atento todo dia. Descubro truques: gerânios e hortelã, que afastam as pragas. Nos fundos, plantei um araçá e uma pitangueira que estão guapíssimos, e boldo, manjerição, poejo, alecrim, capim cidró. Faço meus próprios chás. É uma vida feliz. A tardinha, quando tenho energia - nos últimos meses tem sido raro - pego a bicicleta e vou ver o pôr-do-sol no rio. Depois faço ioga com mantras tibetanos. Nenhum desejo (além de saúde),

nenhuma paixão - e nada faz falta. Tenho tudo que quero, e acho lindo a vida ter amado esta situação com meu pai e minha mãe. Todo dia, os três lutando pela vida. Meus outros irmãos, casados, lutando. Bem, embora quase sempre não se deem conta, a gente se dá conta tarde de que a felicidade é fácil, não?

Nesse trecho da carta para Maria Augusta Antoun, vamos podemos analisar claramente como Caio Fernando Abreu constrói, não apenas sua perspectiva literária, mas também sua poética e sua lírica ao se dirigir para os assuntos cotidianos. De repente, o autor assume uma posição simples para encarar a vida com mais leveza e gentileza. É labiríntico ficar ilustrando em palavras o gradiente de vivências do autor, uma vez que as fases de predominância literária de Caio F. estão bem marcadas conforme sua idade também foi aflorando. Por predominância literária, vamos entender que se trata dos blocos significativos impressos em sua correspondência, cada etapa etária corresponde a uma transmutação em sua forma de criação. Caio Fernando Abreu realiza um movimento urobórico em sua própria literatura, e o agente causador desse movimento é sua própria vida.

Traçar perspectivas dentro do dilema da subjetividade é algo encarado diretamente por Leonor Arfuch, que aposta na noção de espaço para justificar que o sujeito cria suas facetas dentro de ambientes, e cada bloco representa uma modalidade de performance social. Por isso a carta se torna esse objeto tão valioso e significativo, já que o espaço biográfico ocupado por ela - a carta -, é sempre destinado ao assuntos confessionais - desde que seja para assuntos particulares e não políticos -, sendo assim, Caio Fernando Abreu utiliza-se do espaço imbricado na correspondência para criar sua própria literatura, como se fosse um anexo dos seus próprios textos publicados, lembrando que o autor considerava suas cartas tão importantes quanto seus livros. Mas de fato, esse componente é consequência da disponibilidade que a carta possui para falar sobre si em primeira pessoa; o autor consegue através dela, falar sobre suas personalidades sem precisar necessariamente ficcionalizar sobre algo, já que isso se torna uma opção, e não uma prioridade.

Dessa forma, podemos observar no trecho da correspondência de 1995, que Caio Fernando realiza esse movimento de agrupar um espaço com suas subjetividades, e localiza sua poética dentro de uma performance para poder escrever sobre o que se vive. Assim, as flores que ele cultivava em seu jardim se tornam matéria literária para poder falar sobre o seu cotidiano. E falando sobre isso, ele próprio se localiza dentro do espaço casa, e ao mesmo tempo, dentro do espaço lar. Ele transita entre os dois ambientes para dizer “atualmente este sou eu, e é assim que vivo”. Vamos ter a noção de casa quando Caio fala sobre andar de bicicleta, ver o pôr do sol e quando se refere a beleza da renda portuguesa em sua cortina; mas

em complemento ou contrapartida, vamos ter Caio falando também sobre seu lar, mas esses aspectos se tornam subjetivos, e podemos entender a diferença entre esses dois conceitos - lar e casa - devido a afetividade que o autor demonstra durante a escrita quando se refere às suas flores, e a partir de sua própria descrição sobre elas, percebemos o relacionamento de Caio F. com a vida, com a escrita e com a beleza. As roseiras e os crisântemos são amigos do autor, mas as begônias e as dalias não o aceitam muito. As alamandas amarelas sobem pela sacada da janela, enquanto os jasmineiros abrem botões e as palmeiras-rafiás ocupam seu lugar de exotividade. “É tudo um reu sauvage”, tudo muito desordenado e perfeito em sua própria desarmonia. Os araçás e as pitangueiras estão guapíssimos, enquanto os gerânios e os hortelãs afastam os inimigos - formigas e fungos - que querem acabar com o verde das folhas.

Como tudo pode ser metáfora de tudo, é impossível não relacionar a metáfora contida em todo seu jardim, com a sua própria vivência literária, toda a sua jornada até o presente momento da sua correspondência. Caio Fernando Abreu passou por diversos momentos em sua carreira, onde ele fez amigos - as roseiras - e também desagradou um tanto de gente - begônias e dalias -. A sua própria existência, carreira e literatura foi se esparramando pela vida, subindo a soleira de janelas e ocupando espaço no coração dos leitores - alamandas amarelas -, e os truques para combater os mau-estar - hortelãs e gerânios - ocupam o espaço das vivências que fez o autor olhar com mais doçura para sua trajetória, como as traduções para o exterior de “Morangos Mofados”, suas próprias viagens para Londres, Berlim, Paris, e até as suas próprias aventuras na casa dos pais em Porto Alegre. Por fim, como diz o próprio autor: *“a gente se dá conta tarde de que a felicidade é fácil, não?”*

5 Considerações Finais

Partindo da perspectiva analisada neste trabalho, podemos considerar que as contribuições de Caio Fernando Abreu para a literatura nacional foram imensuráveis, bem como a importância das teorias sobre a escrita biográficas. O corpus presente neste trabalho consegue elucidar de forma exímia como o autor trilhou uma jornada para tornar-se conhecido dentro do mercado editorial, e para que chegasse até as mesas de cabeceira de milhares de leitores. Caio Fernando Abreu começou jovem, enfrentou barreiras e desafios, e conseguiu criar uma nova forma de escrever, inspirado em pessoas que já eram inovadoras. Assim, a forma como constrói seu fazer literário cria um espaço de visibilidade para a literatura brasileira e para si próprio. Seus livros, em específico Morangos Mofados, foram bem

recebidos em terras estrangeiras com suas devidas traduções, e para que os lançamentos fossem realizados internacionalmente, Caio F. foi convidado para cada um deles, para que fizesse uma pequena palestra sobre a construção literária de suas obras e para que falasse de suas inspirações.

Para elucidar também as contribuições deste trabalho para a comunidade acadêmica e para a sociedade literária brasileira, ressalto a importância de trazer os gêneros sobre autobiografia e autoficção entrelaçados para compor uma rede de sustentação que abrigasse um compêndio de correspondências. Isto é, por diversas vezes, encontramos trabalhos acadêmicos que separam dicotomicamente autobiografia e autoficção, como se ambas fossem antagônicas e não pudessem caminhar juntas, e como dissemos no início do texto, gostaríamos de encontrar um caminho do meio entre as duas teorias, para que caminhassem juntas sem se sobreporem, e da forma como propomos no início, conseguimos sustentar até o final apontando diversos aspectos que dizem respeito a uma das teorias em específico. Apontamos aspectos autobiográficos, onde a assinatura do nome garante um contrato de veracidade com os fatos descritos nas cartas, mas também abrimos espaço para que a autoficção se apresentasse, e o autor pudesse criar uma nova “memória” a partir de suas vivências. Por fim, podemos apontar a necessidade de continuar a pesquisa sobre a correspondência de Caio Fernando Abreu seguindo o viés crítico-analítico dos aspectos auto-bio-ficcionais. Infelizmente o espaço destinado a apresentação do trabalho de conclusão de curso, é demasiadamente curto para que uma rede de teorias subjetivas e complexas fosse apresentada sem limitações, mas o trabalho a nível *stricto sensu* garantirá que o compilado de correspondências feito por Ítalo Moriconi seja analisado sem restrições, e sem ter a necessidade de selecionar parte das correspondências, nos dando a possibilidade de analisar todo o conjunto, e apontar mais aspectos autobiográficos e autoficcionais presente em todo o escopo de correspondências escritas por Caio Fernando Abreu

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.

BHARTES, Roland. **A morte do autor**. In: BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?**. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema* (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

FAEDRICH, Anna. **O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea**. Araraquara Itinerários, Niterói – RJ, n° 40, pg. 45-60, janeiro de 2015.

FAEDRICH, Anna. **Conceitos de Autoficção**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2022.

ALBERCA, Manóel. **El pacto ambiguo: de la novela autobiográfica a la autoficción**, España, Biblioteca Nueva, 2013

